

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CIÊNCIAS ECONÔMICAS – NOTURNO**

**A EVOLUÇÃO DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO NO
SISTEMA FINANCEIRO NACIONAL: UMA ANÁLISE
ECONÔMICA**

ARTHUR GOTTSCHALK GARCIA

Porto Alegre, 2017

ARTHUR GOTTSCHALK GARCIA

**A EVOLUÇÃO DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO NO
SISTEMA FINANCEIRO NACIONAL: UMA ANÁLISE
ECONÔMICA**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Economia, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Professor Dr. Júlio Cesar de Oliveira

Porto Alegre, 2017

ARTHUR GOTTSCHALK GARCIA

**A EVOLUÇÃO DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO NO SISTEMA
FINANCEIRO NACIONAL: UMA ANÁLISE ECONÔMICA**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Economia, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Aprovado em: Porto Alegre, ____ de _____ de 2017.

Prof. Dr. Júlio César de Oliveira – orientador
UFRGS

Prof. Dr. Leonardo Xavier da Silva
UFRGS

Prof. Dr. Jorge Paulo de Araújo
UFRGS

Dedico este trabalho a minha avó.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que colocou em meu caminho a escolha certa por este curso, por toda proteção, saúde, e iluminação proporcionada.

Não poderia deixar de agradecer principalmente a minha família, por todo apoio que tive nesta grande trajetória, pelo entendimento nos momentos de ausência, pelo incentivo nos momentos de fraqueza, e por sempre me proporcionarem tudo que foi necessário para prosseguir com esta graduação.

Agradeço também, aos colegas que conheci e vivenciei momentos únicos, que se tornaram amigos que levarei para a vida toda, principalmente ao Gabriel Vieira, e a Amanda Neumann que sempre caminharam juntos a mim em quase totalidade deste curso.

Necessário um imenso obrigado a todos amigos que percorreram comigo nesta etapa, entendendo a ausência nos momentos necessários. Especialmente a Jennifer, por toda paciência que necessitou ter durante a realização deste trabalho, e a meu colega e amigo Vinicius, por todo auxílio prestado.

Por fim, agradeço ao Professor Júlio César, por acreditar em meu projeto, dando toda orientação necessária, e sempre se colocando à disposição para auxiliar nas dúvidas e dificuldades surgidas. Sou grato por todo direcionamento, disponibilidade e contribuição.

“O Cooperativismo é a suprema esperança dos que sabem que há uma questão social a resolver e uma revolução a evitar”

Charles Gide

RESUMO

O presente trabalho tem a finalidade de apresentar a evolução da participação das cooperativas de crédito no Sistema Financeiro Nacional, e investigar se de fato houve crescimento em sua abrangência de mercado. Para isto, é apresentado o modelo de funcionamento de cooperativismo, especificamente de cooperativismo de crédito e das cooperativas de crédito, comparando seu modelo de gestão e resultados em relação as demais instituições financeiras, especialmente os bancos de varejo que apresentam os mesmos produtos e serviços. A conclusão do estudo mostrou que embora o sistema financeiro brasileiro seja altamente concentrado nas principais instituições bancárias, as cooperativas de crédito mostram-se como alternativas de instituições financeiras e vêm ganhando mercado ano a ano.

Palavras-chave: Cooperativas de Crédito. Sistema Financeiro Nacional. Sicredi. Market-Share.

ABSTRACT

The present work has the purpose of presenting the evolution of the participation of credit cooperatives in the National Financial System, and investigate if there was indeed a growth in its market reach. For this, the cooperative model of credit cooperatives and credit cooperatives, comparing their management model and results with other financial institutions, especially retail banks with the same products and services, is presented. The conclusion of the study showed that although the Brazilian financial system is highly concentrated in the main banking institutions, credit cooperatives show themselves as alternatives to financial institutions and have been gaining market share every year.

.

Keywords: Credit Cooperatives. National Financial System. Sicredi. Market-Share.

.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Segmentos por Associados - 2016	33
Gráfico 2 - Valores de Ativos e Patrimônio Líquido do Sicredi - 2014 a 2016. .	38
Gráfico 3 - Volume de Crédito e Depósitos do Sicredi – 2014 a 2016	39
Gráfico 4 - Crescimento do número de postos de atendimento no Brasil – 2005 a 2016	43
Gráfico 5 - População cooperada em milhões no Brasil - 2007 a 2016.....	47

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Presença do Sicredi no Brasil - 2016	32
Figura 2 - Como o Sicredi Funciona - 2016.....	34
Figura 3 - Funcionamento da Gestão Cooperativa do Sicredi - 2016.....	36

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais Diferenças entre os Bancos e as Cooperativas de Crédito	25
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantidade de Formações nos Programas Crescer e Pertencer - 2014 a 2016	37
Tabela 2 - Comparativo entre todo sistema Cooperativo x Sicredi - 2016	39
Tabela 3 - Segmentação do Sistema Financeiro Nacional - 2016.....	42
Tabela 4 - Ranking de postos de atendimento por instituições no Brasil - 2012 a 2016	44
Tabela 5 - Municípios Atendidos pelas Cooperativas por Região - 2012 a 2016	45
Tabela 6 - Instituições Financeiras Autorizadas no Brasil - 2012 a 2016	46
Tabela 7 - Patrimônio Líquido das Instituições em bilhões de reais e participação das cooperativas no Brasil – 2011 a 2016	48
Tabela 8 - Ranking de Instituições por Patrimônio Líquido - 2016	49
Tabela 9 - Valor de ativos em reais dos segmentos e participação das cooperativas no Brasil – 2011 a 2016	50
Tabela 10 - Ranking de Instituições por Total de Ativos no Brasil - 2016	50
Tabela 11 - Valor de depósitos em reais dos segmentos e participação das cooperativas no Brasil – 2011 a 2016	51
Tabela 12 - Ranking de Captação de Depósitos por Instituição no Brasil - 2016	51
Tabela 13 - Valor de créditos liberados em trilhões de reais dos segmentos e participação das cooperativas no Brasil – 2011 a 2016	52
Tabela 14 - Ranking de Instituições por Operações de Crédito no Brasil - 2016	53
Tabela 15 - Evolução das Cooperativas de Crédito no Sistema Financeiro no Brasil em percentuais – 2011 a 2016	54

Sumário

1. INTRODUÇÃO	14
2. CONCEITOS SOBRE COOPERATIVISMO	16
2.1 Cooperativismo	16
2.2 Sociedades Cooperativas	21
2.3 Cooperativas de Crédito.....	23
2.4 Contexto Histórico.....	26
3. COOPERATIVAS DE CRÉDITO – O SISTEMA SICREDI	31
3.1 História do Sicredi.....	31
3.2 O Sistema Sicredi	32
3.3 A Participação do Sicredi no Sistema Cooperativo	38
4. EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DE MERCADO DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO	41
4.1 O Sistema Financeiro Nacional	41
4.2 Postos de Atendimentos e Regiões	42
4.3 Principais Indicadores do Mercado Financeiro	47
5. CONCLUSÃO.....	56
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

1. INTRODUÇÃO

Vivencia-se no país um momento de grande instabilidade econômica, frente a uma crise que atinge os mais diversos setores da economia. Embora o conturbado momento seja de recessão, um setor em específico destaca-se por obter índices com desempenhos muito expressivos. As instituições financeiras, tendo em vista principalmente os maiores bancos, alcançam resultados adversos a realidade atual, obtendo ótimos saldos entre seus mais variados indicadores. Dentre os estabelecimentos financeiros ressaltam-se as cooperativas.

O sistema cooperativista surgiu em meio a revolução industrial, como um modelo de sociedade que visava ao desenvolvimento do meio local, e formas mais justas de crescimento conjunto e de redistribuição dos resultados. Este movimento iniciou no ano de 1844, na Europa, a fim de buscar alternativas as dificuldades vivenciadas no período, motivado pela necessidade da união entre os pequenos produtores e trabalhadores, que em conjunto poderiam fortalecer suas estruturas, aumentar sua produtividade e gerar crescimento local.

O cooperativismo destaca-se pela forma em que a estrutura é organizada. Todos os associados, que são os indivíduos que por livre e espontânea vontade constituem e associam-se a uma sociedade cooperativa, visam ao mesmo fim ou serviço, e contribuem para as atividades. A gestão destas instituições é democrática, na qual cada indivíduo representa um voto nas decisões auferidas pela sociedade. Independentemente da quantia de capital que o associado possua. Desta forma, as cooperativas mostram-se como sociedades de pessoas, e se diferem das demais sociedades do sistema capitalista que constituem-se por sociedades de capital, na qual aqueles que detém a maior participação definem os rumos e tomam as decisões. Além disso, as cooperativas atuam sem fins lucrativos. Os resultados obtidos são redistribuídos aos associados de maneira proporcional a sua participação.

As cooperativas surgiram nos mais variados setores da economia, entre eles, no sistema financeiro. As cooperativas de crédito são a alternativa encontrada ao sistema bancário tradicional, altamente concentrado. Atuam de maneira distinta das demais instituições, pois os recursos obtidos são aplicados

diretamente na região atuante. Cria-se uma forma de crescimento contínuo e sustentável. Os resultados obtidos são reinvestidos na cooperativa, e na comunidade, devido as distribuições dos ganhos serem destinados aos associados. Diferenciam-se também nas taxas cobradas, normalmente menores que as demais instituições, pois não visam ao lucro.

Tendo em vista que as cooperativas de crédito são importantes instituições no quesito de desenvolvimento regional, ampliando a participação social e equitatividade na redistribuição de renda, busca-se analisar neste trabalho o crescimento que ambas têm apresentado dentro do concentrado sistema financeiro. Embora o setor bancário esteja altamente consolidado no sistema brasileiro, segundo o Banco Central do Brasil (2017) as cooperativas de crédito estão entre as principais instituições financeiras em diversos países desenvolvidos, como Alemanha, França, Canadá, Estados Unidos e Holanda, entre outros, evidenciando-se a necessidade de seguir passos já tomados.

Este trabalho tem como objetivo apresentar a evolução da participação das cooperativas de crédito no Sistema Financeiro Nacional, e investigar a evolução que este sistema alcançou nos últimos anos, afim de responder se houve ganho de participação das cooperativas. O trabalho divide-se em três capítulos, além desta introdução. No segundo capítulo apresenta-se os conceitos que dão origem ao tema, explorando o contexto histórico e as definições de cooperação, cooperativismo, e das cooperativas de crédito. No terceiro capítulo aborda-se o sistema Sicredi, demonstrando o modelo de funcionamento e de gestão de uma cooperativa de crédito, apresentando os principais resultados. No quarto e último capítulo será analisado a evolução da participação das cooperativas de crédito no sistema financeiro, comparando seus resultados com o setor bancário, estabelecendo o cenário atual e a evolução ocorrida.

2. CONCEITOS SOBRE COOPERATIVISMO

Este capítulo objetiva apresentar os principais conceitos sobre cooperação, cooperativismo, sociedades cooperativas e cooperativas de crédito; a fim de estabelecer o conhecimento necessário a respeito do tema, como também apresentar brevemente o contexto histórico do cooperativismo, fundamentando as principais vantagens e benefícios deste sistema.

2.1 Cooperativismo

Para iniciar o tema referente ao cooperativismo, é necessário, primeiramente, definir o conceito de “cooperação”. Cooperação é uma palavra derivada do Latim, origina-se da junção de *cum* e *operari*, que em conjunto formam o significado de operar juntamente com alguém, de forma a ter uma prestação de auxílio mútuo para um devido fim em comum, conforme Cenzi (2009).

A cooperação é definida por Pinho (1966) como uma forma de integração social, uma ação conjugada na qual as pessoas se unem para alcançar os objetivos em comum, de modo formal ou informal.

Cenzi (2009) afirma que a cooperação, por conseguinte, não deixa de ser um pacto onde cada um se coloca para o todo e aproveita o todo de cada um.

Já Reisdorfer (2014) menciona que cooperação pode ser entendida como um método de ação em que os indivíduos ou famílias, que tenham interesses comuns, se colocam à disposição de construir um empreendimento no qual todos têm direitos iguais, e os resultados alcançados são divididos somente entre estes associados, que trabalharam em conjunto, de acordo com sua participação na atividade. Coloca a cooperação como uma forma de trabalho coletiva, que planeja os serviços, produtos, a comercialização e tudo mais necessário ao objetivo do grupo.

A cooperação pode ser observada em diversos aspectos, tanto da vida social ou econômica, como também na natureza. Está na essência da

sobrevivência, é uma união por objetivos em comum. Para Neto (2006), o cooperativismo e as formas de cooperação são atos muito antigos na humanidade, assim como citam Aguiar e Reis (2012, p.150) “Ao longo da evolução da civilização, o homem sempre buscou organizar forças para a defesa, a prosperidade e as conquistas de seus objetivos.”.

O Serviço Nacional de Aprendizagem ao Cooperativismo (SESCOOP) define três conceitos-chave para o entendimento de cooperativismo. Primeiramente, o conceito de “cooperar”, definindo-o como a ação de “unir-se a outras pessoas para conjuntamente enfrentar situações adversas, no sentido de transformá-las em oportunidade e bem-estar econômico e social.” Com o ato de cooperar, chega-se ao conceito de cooperação, definido pela entidade como a ação a qual os indivíduos ou familiares cujos interesses são comuns, constituem um empreendimento, com direitos iguais a todos os associados desta prática de cooperação, repartindo os resultados entre aqueles que participaram da ação. Define por fim, que estes indivíduos, profissionais ou famílias, produtores de qualquer atividade econômica ou categoria, que se associam a uma cooperativa e exercem atividades econômicas ou adquirem bens de consumo são classificados como sócios (ou associados).

O cooperativismo traz em sua essência e em sua origem histórica o conceito de trabalho conjunto, como já fora visto. É também definido como:

...um sistema associativo no qual as pessoas livres se unem, somando suas forças de produção, sua capacidade de consumo e suas economias, no intuito de evoluírem economicamente e socialmente, elevando seu padrão de vida e, igualmente, beneficiando a sociedade por meio da produção, do consumo e do crédito. (Leite, 2015 p.15).

Conforme Mayrink (2001, p.17):

Cooperativismo é uma filosofia do homem na sociedade em que vive, um pensamento que procura construir uma nova maneira de processar a economia baseando-se no trabalho e não no lucro, na ajuda mútua e não na concorrência e competição; nos valores e necessidades humanas e não na acumulação individual do dinheiro e na

exploração do trabalho de outras mulheres e homens.

Desta forma, pode-se dizer que o cooperativismo está altamente associado aos valores e objetivos que o indivíduo tem na sua ação com o próximo. Procura-se agir pela ajuda mútua, por instinto, pelo ganho em comum. Não agir somente pelo ganho próprio sem beneficiar ao próximo. Busca-se o desenvolvimento tanto individual, quanto social. É uma relação em que todos os participantes ganham.

Comparando ao contexto econômico atual do capitalismo contemporâneo, o cooperativismo chega a ser uma alternativa para tal. Enquanto o capitalismo proporciona principalmente o crescimento das maiores empresas, com exploração do trabalho e o lucro cabendo aos poucos proprietários, o cooperativismo estabelece um propósito inverso, promovendo o crescimento de toda região em que atua, revertendo seus lucros e resultados a todos os participantes.

Segundo Queiroz (2008, p. 90)

A maneira de apresentação da proposta do cooperativismo poderia ser deduzida do que se trata de um modelo educacional que valoriza o capital humano, anseia uma qualificação profissional que desenvolva a polivalência destes indivíduos, possibilitando a estes condições de conhecer todas as etapas de uma cadeia produtiva, sem reduzi-los à "apêndice da máquina" com o escopo de motivá-los e sem escravizá-los à chamada educação fragmentada. Portanto, o objetivo é a escolarização para todos, desenvolvendo cognitivamente os trabalhadores, fazendo com que todos sejam atuantes, que se sintam donos do próprio empreendimento.

Sales (2010, p.2) cita o cooperativismo da seguinte forma:

O cooperativismo é uma forma de somar capacidade dentro de um mundo de concorrência. É uma forma de preservar a força econômica e de vida dos indivíduos de um mesmo padrão e tipo, com objetivos comuns e com as mesmas

dificuldades. A cooperativa quase sempre surge em momentos de dificuldades e da consciência de fragilidade do homem dentro do mundo em que atua.

Nota-se a preocupação do cooperativismo com o bem-estar da sociedade em que faz parte. Desde o gesto ou ação de cooperação, tanto quanto doutrina cooperativista, pois torna-se um modelo de vida. Passa, além disso, a ser um modelo econômico alternativo ao sistema capitalista, embora mostre-se também diferente de sistemas socialistas.

Frantz (2012) classifica os principais fundamentos filosóficos do cooperativismo como o humanismo, baseado na valorização do indivíduo pelo que ele é, e não pelo que possui; pela solidariedade, ou seja, o famoso “um por todos e todos por um”; justiça social, cabendo a cada um conforme sua participação; democracia, onde cada pessoa corresponde a um voto, e a decisão é baseada pela maioria; participação, onde todos os donos vivem o cooperativismo; e responsabilidade, na qual todos respondem pelas decisões e acompanham a vida da cooperativa.

Visto que o sistema busca a participação de todos, e cada indivíduo recebe proporcionalmente por sua participação, mostra-se como um sistema justo. Além do sistema de justiça distributiva, conta com elementos democráticos, pois independentemente da participação, cada cooperativista tem sua representatividade afirmada, representando a mesma importância de outro com a mais alta participação.

Ainda conforme Queiroz (2008), o cooperativismo se preocupa com o aprimoramento do ser humano em diversas dimensões, como econômica, social e cultural. Ele classifica como um sistema de cooperação que aparece historicamente junto ao capitalismo, porém reconhecido como um sistema de forma mais justa, adequada e participativa, o qual atende às necessidades e interesses específicos dos trabalhadores, bem como proporciona o desenvolvimento do indivíduo de forma coletiva. Queiroz classifica o cooperativismo como um sistema, e as cooperativas como as unidades econômicas e espaços de convívio e transformação deste sistema.

Nota-se, que embora o cooperativismo tenha ótimos princípios e almeje resultados adequados aos participantes, promovendo o crescimento de ambos, é necessário um agente, uma sociedade integrada, que estabeleça o funcionamento destes princípios e execute as ações desejadas.

O cooperativismo pode ser ainda entendido por duas acepções: uma compreendendo-o como modelo de organização econômica, que busca eliminar desajustes sociais advindos da forma de organização capitalista, e por outro prisma, como uma doutrina que rege o comportamento daqueles que se integram ao sistema cooperativo, conforme definições de Franke (1973).

Desta forma, as cooperativas são o agente de ação da doutrina cooperativista, são as organizações que colocam em prática os princípios que podem combater as desigualdades ocorridas do sistema depredador em que vive-se hoje. Entretanto, para que a organização possua tal capacidade, alguns princípios devem ser seguidos.

Dentro do cooperativismo definido no estatuto da cooperativa de consumo de Rochdale (1844), conforme o Portal do Cooperativismo (2017), foram estabelecidos sete princípios, os quais são tratados como “regras de ouro” desta doutrina.

O primeiro princípio trata da adesão voluntária e livre. Significa que não há discriminação social, política, étnica, religiosa ou de gênero. A aderência é aberta a qualquer pessoa apta à utilização dos serviços e de como membro, assumir responsabilidades dentro da organização. Mostra-se como um sistema aberto a toda sociedade, que deve ser aderido por livre e espontânea vontade.

A participação ativa na formulação das políticas e tomadas de decisão das cooperativas define o segundo princípio, o da Gestão Democrática. Cada pessoa na sociedade representa um voto, indiferente da quantidade de sua participação ou de recursos. Tal princípio difere-se expressivamente do modelo de gestão capitalista, no qual a representação baseia-se pela decisão daqueles que mais possuem participação na sociedade.

Quanto aos resultados obtidos e os recursos necessários para adentrar em uma cooperativa, os associados devem contribuir para o capital de suas cooperativas, tornando-o propriedade comum. Em caso de resultados positivos,

os membros recebem uma remuneração, que é limitada a seu capital integralizado. Este é o terceiro princípio – o de participação econômica dos membros.

O quarto princípio trata da autonomia e independência. Significa que as cooperativas são organizações autônomas, e caso venham a firmar parcerias com outras instituições, em busca de ajuda mútua, devem sempre manter a autonomia e controle da sociedade cooperativa, de forma a garantir o controle democrático.

Educar, formar e dar informação, é o quinto princípio do cooperativismo, pois as cooperativas devem promover a educação, inclusão social e formação de seus associados, buscando o desenvolvimento regional. Devem proporcionar e difundir informações sobre as vantagens de atuar de forma cooperativa.

O sexto princípio fala acerca da intercooperação. O objetivo deste princípio é instruir o trabalho em conjunto entre as cooperativas, dando assim mais força ao movimento cooperativista e tornando o sistema mais sólido.

Já o sétimo princípio está totalmente relacionado com o sentido de cooperativismo, pois diz que as cooperativas devem ter interesse pela comunidade, trabalhando para o desenvolvimento sustentável da região onde atuam.

Definido o conceito de cooperativismo e seus ideais, busca-se agora o conhecimento sobre as referidas sociedades cooperativas.

2.2 Sociedades Cooperativas

As Sociedades Cooperativas, também denominadas como “Cooperativas” são associações de ramos de atividades específicas, formadas por associados que trabalham, se organizam e administram empresas com o objetivo de satisfazerem as suas necessidades em comum. É uma maneira de ganhar com o trabalho em conjunto, ao invés de perder recursos para outros intermediários. Podem ser cooperativas diversos ramos de atividades, tais como cooperativas de agricultores rurais, cooperativas de produtores de arroz,

cooperativas de produtores de batata, cooperativas de crédito, cooperativas de fabricantes de determinada área, dentre outros. É uma associação de pessoas de uma mesma atividade econômica, sem objetivo de lucro. De acordo com a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB, 2014), uma cooperativa é constituída pela associação autônoma de pessoas, unidas voluntariamente, em busca de satisfazer suas necessidades e aspirações econômicas, culturais e sociais comuns, através de uma empresa de propriedade coletiva e gerida democraticamente. No Brasil, é uma sociedade de, no mínimo, vinte pessoas físicas, gerida de forma participativa, com aspectos legais e doutrinários específicos e distintos de outras sociedades.

Desta forma, embora todas cooperativas possuam a finalidade de ajuda mútua entre seus associados, nota-se a necessidade de estabelecer uma empresa, que seja destinada a um fim, e contenha um número mínimo de associados para sua constituição, na qual ambos atuem na busca da prestação de um serviço comum.

Conforme o Manual de Cooperativas (2000, p. 15):

As sociedades, como regra, possuem um objeto social definido, em que fica consignada a atividade que a mesma irá exercer. A sociedade cooperativa distingue-se, assim, das demais, porque sua característica principal é o fato de sua estrutura estar voltada ao atendimento e à viabilização da atividade de seus associados sem que ela própria, enquanto estrutura organizacional vise lucro. Seu objeto, portanto, é viabilizar a atividade de seus associados, sem que seja voltada à exploração de atividade econômica específica.

As cooperativas atuam buscando resultados positivos, os quais podem proporcionar o desenvolvimento tanto de seus associados, quanto dela própria, porém, sem exploração dos mesmos. Ao invés de atuarem focando em resultados excelentes e altíssimos, o objetivo, primeiramente, é agregar valor às atividades e recursos dos cooperados.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), em sua recomendação nº 127 “Cooperativa é uma associação de pessoas que se

uniram voluntariamente para realizar um objetivo comum, através da formação de uma organização administrada e controlada democraticamente, realizando contribuições equitativas para o capital necessário e aceitando assumir de forma igualitária os riscos e benefícios do empreendimento no qual os sócios participam ativamente.”.

Por definição de lei, especificamente na Lei nº 5.764/71, cooperativas são sociedades de pessoas, constituídas para prestar serviços aos associados, que reciprocamente se obrigam a contribuir com bens ou serviços para o exercício de uma atividade econômica de proveito comum, sem objetivo de lucro.

Nota-se que ao fazer parte de uma cooperativa, não está o cooperado apenas procurando por vantagens e benefícios sem nenhuma obrigação. Torna-se, então, necessário ao associado a contribuição para sua organização, aderindo aos serviços executados nela.

Pinheiro (2008) classifica as cooperativas em três formas, ou graus. A primeira é classificada como cooperativas singulares ou de 1º grau. São estas cooperativas que prestam serviços diretamente aos associados. Exemplificando, pelo prisma que será abordado no trabalho por cooperativas de crédito, as cooperativas singulares são as “agências bancárias”, cooperativas que prestam serviços financeiros a seus associados. A segunda definição, fala acerca das cooperativas centrais e federações cooperativas ou de 2º grau, as quais são classificadas como as constituídas por cooperativas singulares, de maneira a organizar os serviços e os interesses econômicos, proporcionando uma organização em comum e em escala, orientando as filiais, e criando uma integração sistêmica. Por fim, as cooperativas de 3º grau, ou confederações de cooperativas, são constituídas por federações de cooperativas e centrais, as quais orientam e coordenam as filiadas em suas atividades.

2.3 Cooperativas de Crédito

Cooperativas de crédito são sociedades cooperativas que atuam no segmento financeiro, praticamente com os mesmos serviços oferecidos por bancos e demais instituições financeiras. A diferença está no norte que cada instituição segue, nos seus objetivos e princípios. Como já citado, as cooperativas não operam visando o lucro, e sim o desenvolvimento social, regional e autossustentável, agregando renda a seus associados. Por tais motivos e princípios, normalmente atuam com taxas de juros menores que as demais instituições financeiras – as quais que buscam pelo lucro remetido ao crescimento capitalista. Devido à visão de que o crescimento deve ser estabelecido entre ambas as partes, as cooperativas dão oportunidade a quem necessita de recursos, sem exigir altas taxas de juros, que seriam inconsistentes para prover com o crescimento de seu associado. Neste contexto, soma-se o modelo de gestão participativa – o qual é proporcionado a todos os correntistas, onde cada associado corresponde a um voto na destinação de seus resultados. Tratando-se de uma instituição financeira, onde o objeto principal é a lida direta com dinheiro e recursos de capital, torna-se altamente atrativo poder participar com representatividade nestas instituições.

A definição de cooperativas de crédito, segundo a OCB (2017), é definida como o segmento “composto pelas cooperativas destinadas a promover a poupança e financiar necessidades ou empreendimentos dos seus cooperantes”.

As cooperativas atuam oferecendo basicamente os mesmos produtos do sistema financeiro tradicional, porém, prestam serviços exclusivamente a seus associados:

Cooperativa de crédito é uma instituição financeira formada pela associação de pessoas para prestar serviços financeiros exclusivamente aos seus associados. Os cooperados são ao mesmo tempo donos e usuários da cooperativa, participando de sua gestão e usufruindo de seus produtos e serviços. Nas cooperativas de crédito, os associados encontram os principais serviços disponíveis nos bancos, como conta corrente, aplicações financeiras, cartão de crédito, empréstimos e financiamentos. Os associados têm poder igual de voto independentemente da sua cota de participação no capital social da cooperativa. O

cooperativismo não visa a lucros, os direitos e deveres de todos são iguais e a adesão é livre e voluntária. Por meio da cooperativa de crédito, o cidadão tem a oportunidade de obter atendimento personalizado para suas necessidades. O resultado positivo da cooperativa é conhecido como sobra e é repartido entre os cooperados em proporção com as operações que cada associado realiza com a cooperativa. Assim, os ganhos voltam para a comunidade dos cooperados. (Banco Central do Brasil, 2017, O que é uma Cooperativa de Crédito?).

Conforme definido pelo Portal do Cooperativismo Financeiro (2017), o objetivo principal das cooperativas é promover o desenvolvimento econômico e social de seus cooperados, através de produtos e serviços financeiros com custos menores em comparação ao sistema financeiro bancário.

Mostra-se, no Quadro 1, os principais aspectos distintos entre cada segmento, conforme descrito por Meinen e Port (2012):

Quadro 1 - Principais Diferenças entre os Bancos e as Cooperativas de Crédito

Bancos	Cooperativas de Crédito
Sociedades de Capital	Sociedades de pessoas
Controle baseado no número de ações	Cada pessoa, um voto
Os usuários são clientes	Os usuários são donos (associados)
O Usuário não tem poder de decisão.	Política operacional decidida pelo próprio usuário.
Podem tratar distintamente cada usuário	Não há distinção entre os usuários
Preferem o público de maior renda.	Não há discriminação ou preferencia
Preferem os grandes centros	Atuam fortemente em pequenas comunidades
Propósitos capitalistas	Buscam um modelo mais justo
Prioriza o autoatendimento	O relacionamento é essencial
Sem vínculo com a comunidade e o publico	Comprometidas com as comunidades e usuários
Avançam pela competição	Desenvolvem-se pela cooperação
Visam ao lucro	Sem fins lucrativos
O resultado é dos poucos donos	O resultado é redistribuído aos próprios usuários

Fonte: Elaborado pelo autor a partir do quadro I de Meinen e Port (2012, p. 51)

A interessante pergunta feita por Meinen (2012, p. 51) “por que uma cooperativa de crédito e não o banco convencional?” traz a reflexão entre os motivos que levam um indivíduo a optar por ser correntista em uma instituição financeira, e não num banco tradicional, segmento já bem estabelecido, e de grande dominância de mercado. A resposta para esta pergunta está nos pilares do cooperativismo de crédito e em sua distinção entre as demais instituições. Conforme o próprio Meinen (2012, p. 51):

Em síntese, o círculo virtuoso do cooperativismo de crédito pode ser reproduzido da seguinte forma: se os recursos dos cidadãos e das empresas forem destinados às cooperativas, estas os realocam na mesma região; redistribuídos, gera renda e aumentarão o poder aquisitivo da população, que passa a consumir mais; em decorrência, há incremento no faturamento das empresas; vendendo mais, as empresas abrem novas vagas de trabalho, absorvendo especialmente o público jovem; o aumento nas vendas também repercute na arrecadação de impostos, com mais recursos, o poder público pode investir em infraestrutura e outros projetos de desenvolvimento econômico e social, o que faz ampliar a capacidade produtiva, gerando novas riquezas. O resultado final é a melhora da qualidade de vida na rede de abrangência da cooperativa.

No trecho acima, pode-se definir exatamente os objetivos das cooperativas de crédito e suas principais vantagens e benefícios – os quais promovem o crescimento sustentável da região por onde atuam. Enquanto nas demais instituições os recursos aplicados podem ser destinados a qualquer localidade, nas cooperativas devem ser direcionados à própria região, promovendo um maior volume de recursos e auxiliando no crescimento.

2.4 Contexto Histórico

Conhecidas as vantagens das cooperativas, serão apresentadas nesta seção as origens do cooperativismo. Embora o conceito, como conhecido hoje, tenha sido criado no Século XIV na Europa, os princípios cooperativos já

apareciam na história muito antes deste período, em diversos povos da antiguidade.

Desde os primórdios da humanidade, conforme Sales (2010), as pessoas quando juntas, produzem muito mais que a soma do que produziriam individualmente. De forma natural, a humanidade aprendeu a cooperar, seja por buscar ajudar ao próximo ou até mesmo por obrigação, pois em conjunto era possível alcançar os objetivos necessários para a sobrevivência.

Segundo Leite (2015, p. 21), o ideário cooperativista baseado na solidariedade e na ajuda mútua está presente nas mais diversas manifestações sociais, ainda que de forma sutil e imatura:

Até mesmo nas embrionárias civilizações Astecas e Incas foram encontrados vestígios de certas formas de cooperação em suas primitivas manifestações. A investigação de sua rotina e de seus sistemas econômicos e social comprovam a existência do espírito cooperativo entre esses povos.

Oliveira (1984) cita alguns exemplos onde é possível se encontrar esse sentimento de ajuda mútua na antiguidade. São exemplos: os faraós do Antigo Egito, onde os operários organizavam-se em grêmios em um regime cooperativo muito desenvolvido, que envolviam toda a vida industrial; O Império Babilônico, com a existência de cooperativas de crédito para pequenos agricultores e indústrias, dado o nível de desenvolvimento dos bancos; O Império Romano, onde diversas formas rudimentares de cooperação existiram.

Entre os Astecas e Incas também encontram-se formas de cooperação. O exemplo mais remoto conhecido de associações mútuas cooperativas é encontrado na Palestina. Segundo Leite (2015), entre os anos de 356 e 426 D.C., existia um compromisso de ajuda mútua por meio de um tratado denominado *Bavá Camá*, do qual se constata a existência de associações de mutualidade entre caravanas de mercadores para o seguro do gado assino.

Ainda conforme Oliveira (1984, p. 18), “Era a organização agrária que sustentava o regime dos astecas e tinha as seguintes características, muito próximas das dos incas: o rei se reservava à soberania sobre as terras,

repartindo-as entre seus súditos para seu, deles, uso e desfrute; a propriedade era do tipo familiar e se transmitia de pai aos filhos; pagos os tributos ao Rei e Senhor local, o resto da produto da terra era da família.”

Quanto à civilização Inca, esta tinha sua organização econômica, de forma que todos os níveis da sociedade pagavam tributos ao imperador, baseando-se num modo de produção comunal-tributária. Possuíam unidades sociais, conforme Leite (2015), onde se firmavam vínculos de trabalho em comum da terra. Se dividiam em produtos, conforme o trabalho e necessidades da cada indivíduo. Oliveira (1984) afirma que “desde as mais remotas eras, sem o auxílio mútuo, não teriam subsistidos os agrupamentos humanos e desse espírito que domina a luta pela vida recebe o homem uma luminosa lição de energia criadora e de beleza moral, dela tirando os mais benéficos resultados, aos quais damos o nome de cooperação.”.

Embora inúmeras formas de cooperação já existissem entre os homens e fossem experimentadas desde a antiguidade, o cooperativismo moderno e as formas como são estabelecidas as sociedades cooperativas atuais, tiveram seu surgimento em meio à revolução industrial.

Numa época em que havia baixos salários, grande jornada de trabalho, dificuldades econômicas e sociais, e uma frequente degradação da mão de obra, iniciavam-se tentativas de criar associações de caráter assistencial, entretanto, que demoraram a surtir efeito.

Conforme cita Oliveira (1984, p. 20): “Os primeiros cooperativistas da época moderna foram sonhadores, quiseram idear sociedades novas, em meio a um regime capitalista bem consolidado. Quiseram volver à época histórica anterior, quiseram fazer renascer dentro da nova sociedade forma de sociedades já desaparecidas, nessa eterna ânsia de felicidade sobre terra”.

Os trabalhadores passaram a buscar novas formas para superar as dificuldades que o capitalismo trazia à população, que crescia a cada momento.

Com a ideia de constituir uma organização formal, com regras, valores, normas e princípios, que deveriam ser praticados respeitando os valores do ser humano, iniciou-se a criação da primeira sociedade cooperativa. Desta forma,

com tais ideais, teve início no ano de 1844, em Rochdale, na Inglaterra, a primeira cooperativa, instaurada como uma cooperativa de produção. Formada por 28 tecelões, conhecidos como os famosos pioneiros de Rochdale. Estes tecelões economizaram por um ano inteiro, uma libra cada, para formalizar a sociedade com 28 libras de capital social, inaugurando o famoso armazém de Toad Land (Beco do Sapo). Os princípios instaurados por estes, são hoje os conhecidos “princípios do cooperativismo” citados anteriormente.

Após o sucesso, em diversos outros segmentos começaram a surgir cooperativas. A primeira cooperativa de crédito teve início em 1952. Surgiu na cidade alemã de Delitzsch, segundo Port (2012), a primeira cooperativa de crédito urbana, através de Franz Herman Schulze. Conforme Pinheiro (2008), Friedrich Wilhelm Raiffeisen, fundou, também na Alemanha, no povoado de Westerwald, a primeira associação cooperativa de crédito rural no ano de 1864.

As cooperativas criadas por Raiffeisen eram tipicamente do segmento rural, e tinham como características, conforme Pinheiro (2008, p. 23) “a responsabilidade ilimitada e solidária dos associados, a singularidade de votos dos sócios, independentemente do número de quotas-parte, a área de atuação restrita, a ausência de capital social e a não distribuição de sobras, excedentes ou dividendos”. Referente às cooperativas fundadas pelo pioneiro Schulze, eram organizações de “dinheiro antecipado”, que passaram a ser conhecidas como “cooperativas do tipo *Schulze-Delitzsch*”, atualmente conhecidas como bancos populares na Alemanha. A diferença entre elas se dava ao fato de que as cooperativas do tipo Raiffeisen previam o retorno de sobras líquidas proporcionais ao capital.

O italiano Luigi Luzzati, inspirado pelos alemães, organizou em Milão a constituição da primeira cooperativa do tipo *Luzzati*, a qual tinha como principais características a não exigência de vínculo para a associação, exceto de quotas de capital de pequenos valores, limite geográfico, responsabilidade limitada ao valor do capital subscrito, concessão de crédito de pequenos valores sem garantia real, e não remuneração dos dirigentes.

Segundo Pinheiro (2008), Alphonse Desjardins idealizou a constituição de uma cooperativa com características distintas, embora inspirada nos modelos preconizados por Raiffeisen, Schulze-Delitzsch e Luzzatti. Foi

fundada em Quebec, no Canadá, em 1900. Este tipo de cooperativa deu origem às atuais cooperativas de crédito como conhecidas no Brasil. A principal característica é a existência de vínculo entre os sócios.

Já no Brasil, a primeira cooperativa de crédito teve início no ano de 1902, em Nova Petrópolis, com a atual Sicredi Pioneira, como será visto no próximo capítulo.

Desta forma, conforme o SESCOOP (2017), o cooperativismo estabeleceu-se como uma doutrina que tem como as cooperativas a forma ideal de organização da humanidade, baseado na democracia, sem discriminação, com direitos e deveres iguais para todos os sócios.

3. COOPERATIVAS DE CRÉDITO – O SISTEMA SICREDI

Com o intuito de demonstrar o funcionamento de uma cooperativa de crédito, mostra-se neste capítulo o modelo de organização e gestão do Sistema Cooperativo Sicredi. A escolha do Sicredi se deve ao fato de ter sido o primeiro sistema cooperativo de crédito brasileiro e da América Latina, como também uma das maiores instituições financeiras cooperativas na atualidade brasileira, servindo como referência internacional pelo modelo de atuação.

3.1 História do Sicredi

A história do Sicredi teve início no ano de 1902, no município de Nova Petrópolis, no Rio Grande do Sul. Com a iniciativa do Padre Theodor Amstad, após diversas tentativas, imprevistos e desencontros, foi lançada a ideia de uma cooperativa de crédito rural, surgindo a caixa de economias e empréstimos Amstad, a primeira cooperativa de crédito da América Latina, atual Sicredi Pioneira. O movimento se expandiu, e logo criou uma rede de 66 cooperativas denominadas “Caixas Populares Raiffeisen”.

Apenas em 1992, foi denominado o Sistema de Crédito Cooperativo – Sicredi – com a unificação de todas as cooperativas filiadas. Em 1996, por decisão do Conselho Monetário Nacional, foi permitida a constituição de bancos cooperativos privados, que têm suas cooperativas como acionistas. Neste mesmo ano foi constituído o Banco Sicredi S.A.. No ano seguinte, o sistema integrou as cooperativas dos estados do Paraná e Rio Grande do Sul, ampliando o destaque das cooperativas de crédito. Foi inaugurada a sede do Banco Sicredi S.A. em Porto Alegre. Em 1999 o sistema passou a atuar também no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Após, em 2000, criou-se a Confederação Sicredi, prestando serviços comuns a todo sistema. No ano seguinte, iniciaram-se as atividades da corretora de seguros, como também a administradora de cartões. Passou a atuar no estado de São Paulo em 2002.

Em 2009, foram criadas a holding (controladora do Banco Cooperativo Sicredi), a Confederação Sicredi, a Fundação Sicredi e a Sicredi Participações

S.A.. No ano de 2010 foi firmada a parceria estabelecida com o Rabo Financial Institutions Development – RD, que é um sistema de crédito cooperativo holandês presente em 40 países. Em 2011 foi criada a Política de Sustentabilidade. Já 2013, a Unicred Rio se filiou ao sistema Sicredi, que passou a atuar também no estado do Rio de Janeiro. O Sicredi, então, passou a operar em 21 estados brasileiros no ano de 2015, com a filiação da Unicred Central Norte/Nordeste, ampliando a rede de atendimento do sistema e marcando presença em todas as regiões do Brasil.

3.2 O Sistema Sicredi

O Sicredi conta com diversas estruturas e entidades que operam de forma operacional única, formando o Sistema de Crédito Cooperativo. Atualmente, contém 116 cooperativas de crédito filiadas dentro do sistema, na qual totalizam mais de 1.536 agências espalhadas pelo Brasil.

O Sicredi está presente em 21 estados brasileiros, com projetos de expansão em todos estados onde ainda não atua diretamente (apenas pela Rede Banco 24 horas), como pode ser observado abaixo, na Figura 1.

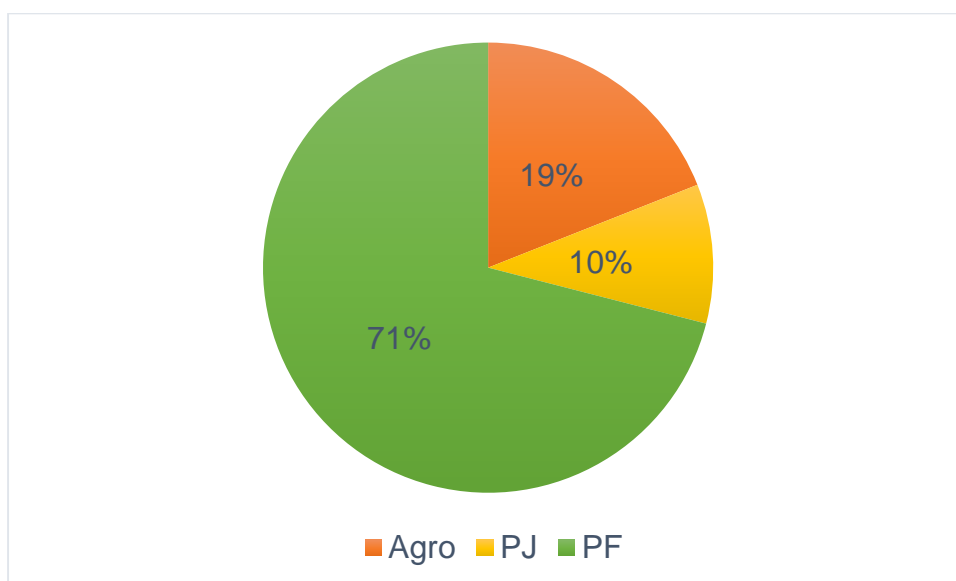
Figura 1 - Presença do Sicredi no Brasil - 2016



Fonte: Sicredi, 2016.

O Sicredi encerrou o ano de 2016 com a marca de 3,5 milhões de associados, conforme seu próprio Relatório de Sustentabilidade (2016). Embora muito marcado pelo segmento agrícola, e fortemente conhecido como um segmento de cooperativa “rural”, em sua maior participação, como pode ser verificado no Gráfico 1, encontra-se o segmento de Pessoas Física (PF), representando 71% do total de associados. O segmento rural (agro) apresenta 19% dos associados, restante ao segmento de Pessoa Jurídica (PJ), os 10% restantes.

Gráfico 1 - Segmentos por Associados - 2016

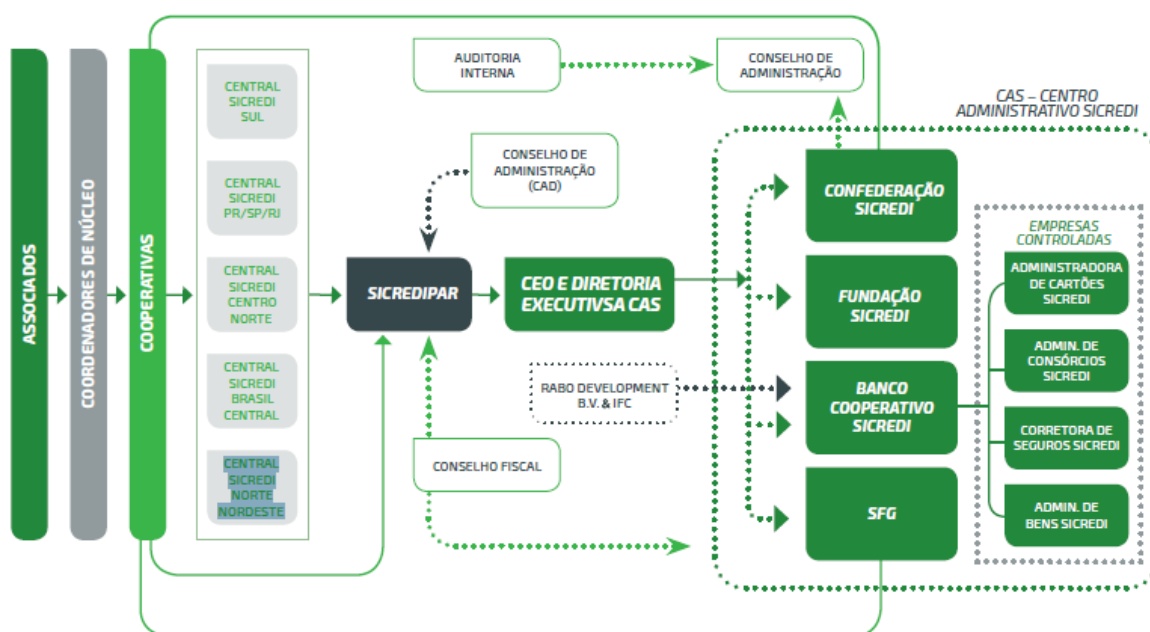


Fonte: Sicredi, 2016.

Entre estes segmentos, se forem observados a porcentagem de renda ou faturamento, entre os associados de Pessoa Jurídica, 60% contam com faturamentos inferiores a 360 mil reais anual. No segmento de Pessoa Física, 87% mostram-se abaixo de renda mensal de 4 mil reais, e por fim, no segmento do agronegócio, 92% estão abaixo de um faturamento anual de 360 mil reais. Tais dados demonstram a força do sistema em regiões mais necessitadas ou com menores rendas, buscando por locais onde seja necessário um desenvolvimento e crescimento regional, ao invés de uma inserção em locais de grande concentração de renda, como observado no segmento bancário.

A estrutura do sistema, conforme a Figura 2, é dividida entre cinco Centrais Regionais. As centrais são: Central Sicredi Sul, Central Sicredi PR/SP/RJ, Central Sicredi Brasil Central, Central Sicredi MT/PA/RO e Central Sicredi Norte/Nordeste. Além disso, o sistema conta com um Banco Cooperativo, uma Fundação e uma Confederação, além de suas empresas controladas (Administradora de Consórcios, Administradora de Cartões e Corretora de Seguros) e do SicrediPar, a qual as Centrais Regionais são acionistas.

Figura 2 - Como o Sicredi Funciona - 2016



Fonte: Sicredi, 2016.

As cooperativas são detentoras de 100% do capital da SicrediPar (Sicredi Participações S.A.), a qual é uma holding (sociedade gestora de participações sociais) que controla o Banco Cooperativo Sicredi, sendo acionista majoritária com cerca de 75% das ações. As tomadas de decisões e estratégias aderidas são tomadas por ela, buscando prevenir riscos, impactos negativos, novas oportunidades e prospecções. Formada por um conselho de 12 membros, entre os quais cinco representantes são os presidentes das centrais, unidos a mais 5 representantes das cooperativas filiadas as centrais, sendo um de cada central, e dois indicados pelo Rabo Development B.V., organização de fomento e desenvolvimento do Banco Cooperativo holandês

Rabobank, que também é acionista, com os 25% restantes das ações. O sistema contempla também o já citado Banco Cooperativo Sicredi, que atua como um agente intermediador das Cooperativas filiadas ao sistema. O Banco atua realizando a intermediação ao acesso financeiro e a recursos, atuando em escala. Desenvolve, também, políticas sistêmicas, marketing de gestão de pessoas e comunicação. A responsabilidade e controle de algumas áreas estão sob sua guarda, como a Administradora de Consórcios, Administradora de Bens, Administrador de Cartões e a Corretora de Seguros.

Além destes setores, há a Confederação Sicredi, que atua atendendo as demandas de tecnologia, políticas cooperativas e logísticas nos segmentos administrativos, contábeis, de folhas de pagamento, e compras. Pode ser resumida como um centro de serviços.

Conforme sua missão, o Sicredi atua na sociedade de forma ativa, proporcionando maior relacionamento com seus associados, do que apenas atendendo suas demandas financeiras. Busca se inserir na comunidade proporcionando o desenvolvimento local, com soluções sustentáveis e responsáveis. Por atuar de forma regionalizada entre suas cooperativas, o sistema pretende aplicar os recursos dentro de suas próprias regiões, fazendo jus ao sistema cooperativista e dando ao associado a real percepção de que estará provendo e ajudando o desenvolvimento de sua região, ao invés de enviar recursos para demais localidades, ou até mesmo para o exterior.

A missão do Sicredi é estabelecida visando o crescimento dos associados:

Como sistema cooperativo, valorizar o relacionamento, oferecer soluções financeiras para agregar renda e contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos associados e da sociedade. (Sicredi, 2017, Quem Somos).

Aspecto que é sempre valorizado, principalmente diferenciando-se das demais instituições, é o fato de ser uma sociedade de pessoas. Visto que cada correntista representa um voto nas decisões das cooperativas em suas

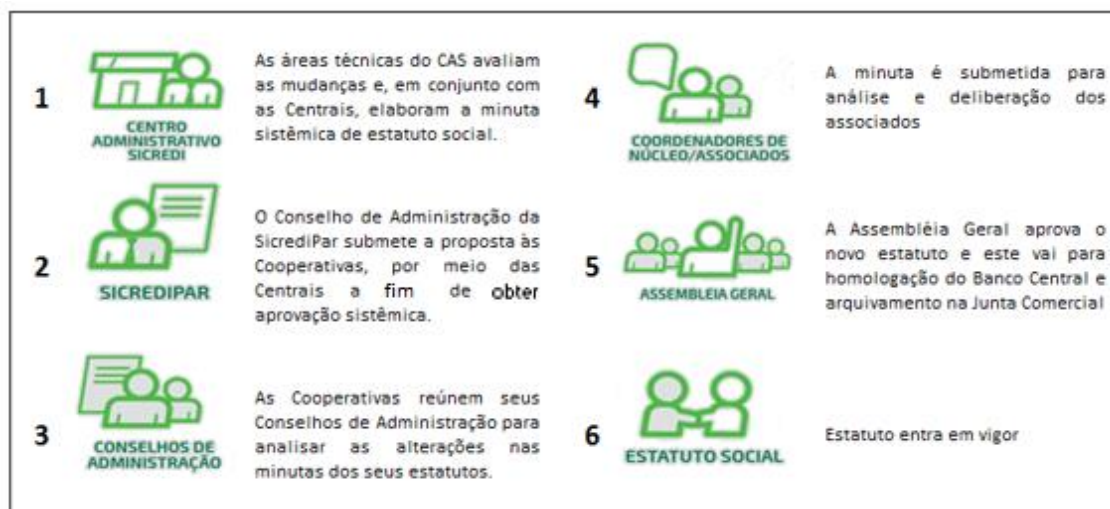
assembleias gerais, busca-se a valorização dos associados e de sua participação:

Somos feitos por pessoas e para pessoas e temos como diferencial um modelo de gestão que valoriza a participação. (Sicredi, 2017, Quem Somos).

O sistema busca a participação ativa da sociedade, engajando a participação voluntária de todos os cooperados, sempre os convidando a participar de suas reuniões e conhecer os dados de suas cooperativas.

Desta forma, conforme observamos na Figura 3, a gestão envolve desde os associados correntistas – que são representados por seus coordenadores de núcleo – até as demais áreas administrativas do sistema e seu conselho fiscal.

Figura 3 - Funcionamento da Gestão Cooperativa do Sicredi - 2016



Fonte: Sicredi, 2016.

Como agente de desenvolvimento local e a finalidade de proporcionar maior educação na comunidade, o Sicredi tem programas de educação cooperativa para seus associados, que incentivam a participação cooperativa e multiplicam conhecimento.

O primeiro programa é o “Programa Crescer”, que segundo o próprio Sicredi, tem o objetivo de fortalecer a cultura do Cooperativismo e do

Cooperativismo de Crédito. Dissemina conhecimentos sobre o cooperativismo de crédito, e divide-se em três etapas. Aos que concluírem as duas primeiras, há a possibilidade de se candidatar em cargos de liderança nas cooperativas. Conforme o Relatório de Sustentabilidade do Sicredi (2016), os associados que participam das formações e de assembleias são mais presentes e ativos em suas cooperativas, colaborando com desenvolvimento e tomada de decisões.

Há também o “Programa Pertencer”, projeto que demonstra o modelo de gestão participativa, orientando e demonstrando o funcionamento das cooperativas, das assembleias e das reuniões de núcleo.

Além dos programas citados, há outros como o “A União faz a Vida”, com o qual busca-se transformar a realidade através da educação, realizando projetos para e por crianças e adolescentes, em que valorizam-se as atitudes cooperativas e os bons valores de cidadania por meio da vivência e do conhecimento.

Tabela 1 - Quantidade de Formações nos Programas Crescer e Pertencer - 2014 a 2016

ANO	2014	2015	2016
FORMAÇÕES	23.867	21.905	19.633

Fonte: Sicredi, 2016.

A Tabela 1 apresenta os dados de formações¹ dos programas de educação do Sicredi no decorrer dos últimos três anos. As formações abrangem em torno de 64 mil pessoas neste período. Embora o ano de 2016 apresente um número menor de formações em relação aos anteriores, ainda assim demonstra um acréscimo de associados formados. Tais números demonstram e corroboram com a força que o cooperativismo vem recebendo.

O sistema mostra-se engajado nas causas cooperativas, estabelecendo-se em diversas localidades, e em alguns casos, como única instituição cooperativa e atuando como agente disseminador de conhecimento, educando

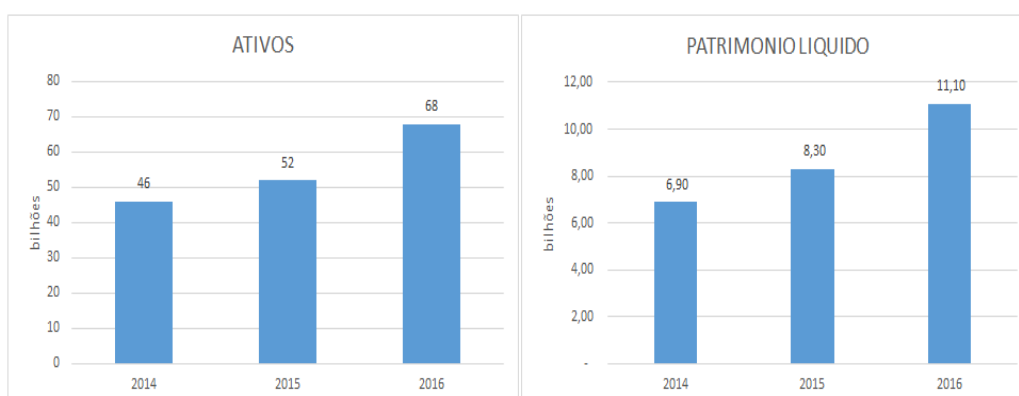
¹ São consideradas formações o número de associados participantes nos Programas Crescer e Pertencer. Salienta-se que o mesmo associado pode ser contabilizado duplamente, caso participe dos dois programas.

as comunidades por onde atua e formando-a através de seus programas educacionais.

3.3 A Participação do Sicredi no Sistema Cooperativo

O Sicredi apresenta resultados positivos e significantes em seus últimos demonstrativos apresentados, evidenciados no Gráfico 2. No passar dos últimos três anos, atingiu-se um crescimento de quase 20 bilhões de reais em ativos e um crescimento superior a quatro bilhões de reais no seu Patrimônio Líquido (PL). Isso representa um aumento de 60% de seu PL neste pequeno espaço de tempo, confirmando um crescimento excepcional.

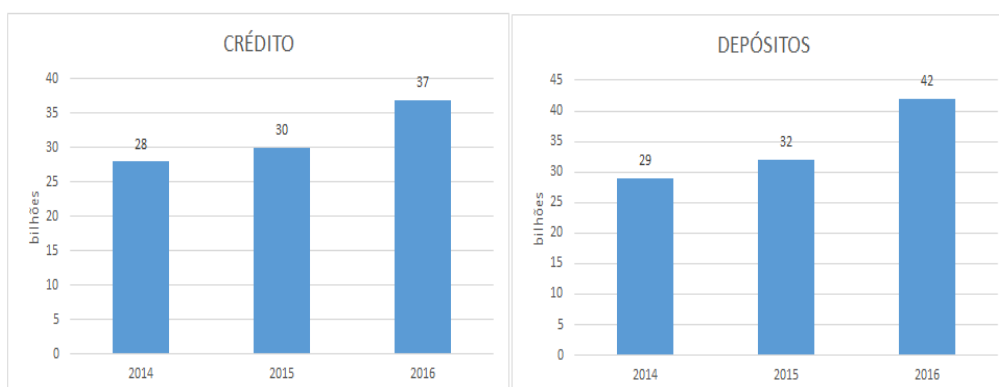
Gráfico 2 - Valores de Ativos e Patrimônio Líquido do Sicredi - 2014 a 2016.



Fonte: Sicredi, 2016.

Verifica-se também um crescimento no volume da carteira de crédito, e um aumento ainda superior na carteira de depósitos da instituição nestes três anos, com crescimentos de 32% e 44% respectivamente, conforme demonstrado no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Volume de Crédito e Depósitos do Sicredi – 2014 a 2016



Fonte: Sicredi, 2016.

Após esta análise inicial, onde é perceptível o elevado crescimento do sistema, a Tabela 2 apresenta um comparativo entre o sistema Sicredi e sua relevância no segmento das cooperativas de crédito. Demonstram-se os resultados alcançados no ano de 2016 pelo Sicredi e os resultados das Cooperativas de Crédito no Sistema Financeiro Nacional em conjunto.

Tabela 2 - Comparativo entre todo sistema Cooperativo x Sicredi - 2016

	Cooperativas	Sicredi	Participação do Sicredi
Patrimônio Líquido	36,7 bilhões	11 bilhões	30%
Ativos	221,8 bilhões	68 bilhões	30%
Depósitos	103,5 bilhões	42,8 bilhões	41%
Operações de Crédito	83,7 bilhões	37,3 bilhões	45%
Postos de Atendimento	4.679	1.500	32%

Fonte: Panorama das Cooperativas de Crédito (2016), IFDATA (2016) e Sicredi (2016)

Percebe-se que o Sicredi tem representatividade de, no mínimo, 30% de participação de cada indicador analisado na Tabela 2. Principalmente nas questões de carteira de crédito e de depósitos, o sistema domina o mercado cooperativo com 41% de abrangência dos depósitos e 45% das operações de crédito. Desta forma, o sistema consolida-se como uma das principais instituições cooperativas de crédito no sistema financeiro brasileiro, pleiteando

a principal posição. Cabe agora, verificar se este crescimento foi suficiente para contribuir com a evolução das cooperativas de crédito no Sistema Financeiro Nacional. Essa verificação tem por objetivo comprovar se os princípios e objetivos de crescimento e desenvolvimento advindos destas instituições são eficazes para o ganho de mercado como alternativa ao sistema bancário já estabelecido.

4. EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DE MERCADO DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO

Neste capítulo serão apresentados os dados referentes aos principais indicadores financeiros, tanto das cooperativas de crédito quanto dos bancos. Busca-se investigar a evolução das instituições financeiras cooperativas no decorrer dos anos. A metodologia utilizada é baseada na análise quantitativa dos dados de ambos os segmentos, analisando as distintas variáveis que compõem o sistema financeiro, como o número de postos de atendimento, regiões de atuação, total de ativos, volume de crédito liberado, captação de depósitos e patrimônio líquido.

Por fim, analisa-se a participação real das cooperativas no mercado financeiro, respondendo qual a participação atual do segmento. Importante ressaltar, que o volume geral do Sistema Financeiro Nacional, compreende todas instituições que prestam informações ao Banco Central do Brasil. Em consonância com o objetivo deste trabalho, que consiste em apresentar a relação existente entre as cooperativas e os bancos de varejo, ou seja, aqueles que possuem agências bancárias, e que possibilitem ao público realizar operações financeiras tradicionais – estabelecidas por Meinen (2012) como cedência de talões de cheques, cartões, investimentos, empréstimos, entre outros –, ressalta-se que os dados utilizados contemplam apenas os valores de tais instituições, desconsiderando as demais.

4.1 O Sistema Financeiro Nacional

Para iniciar a análise dos dados das cooperativas, é importante primeiramente mostrar o tamanho do Sistema Financeiro Nacional, e as divisões entre as instituições financeiras pelo Banco Central do Brasil. Nesta primeira análise, verifica-se que as cooperativas de crédito, representam atualmente 2,67% de todo sistema financeiro, sem considerar os volumes dos bancos cooperativos Sicredi e Sicoob, que conforme demonstrados na Tabela 3, estão inseridos no Conglomerado Bancário I. Nas próximas tabelas analisadas, os volumes destes bancos estarão incorporados pelas cooperativas

de crédito, visto que diversas atividades realizadas pelas cooperativas podem ser registradas através de seus bancos.

Tabela 3 - Segmentação do Sistema Financeiro Nacional - 2016

Conglomerado	Instituições	Ativos	%
Bancário I	Banco Comercial, Banco Múltiplo com Carteira Comercial, e Caixa Econômica	7.009.783.873	85%
Bancário II	Banco Múltiplo sem Carteira Comercial e Banco de Investimento	110.528.195	1,33%
Bancário III	Cooperativas de Crédito	221.851.432	2,67%
Bancário IV	Banco de Desenvolvimento	893.244.630	10,77%
Não Bancário	Instituições Não bancárias	46.648.599	0,56%
Total do Sistema		8.282.056.729	100%

Fonte: Panorama das Cooperativas de Crédito (2016), IFDATA (2016) e Sicredi (2016)

Observa-se, baseando-se nos dados da Tabela 3, a predominância dos bancos no sistema financeiro. A grande concentração está ligada ao conglomerado Bancário I, o qual contempla os bancos de varejo. Dado que as cooperativas representam um sistema inovador, nascido de um ideal sonhador e oposto ao sistema tradicional bancário, é indiscutível que qualquer avanço, por menor que seja, pode ser considerado como uma vitória.

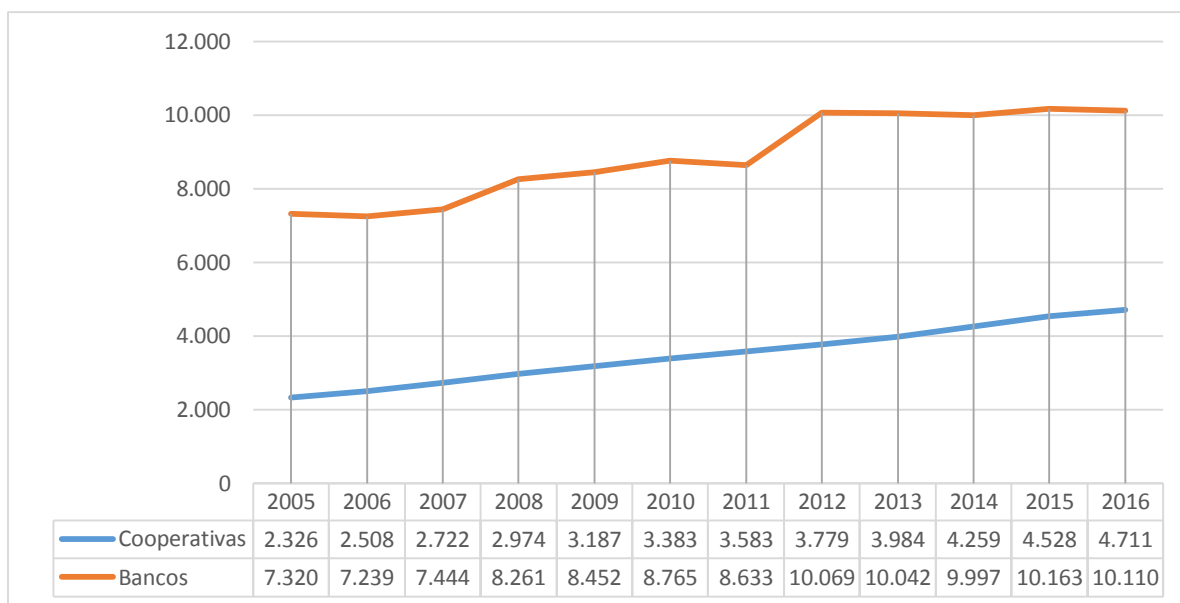
Buscando retratar a realidade atual deste sistema, serão apresentados a seguir os dados referentes aos últimos anos, demonstrando o crescimento que as cooperativas possuem em meio a um mercado altamente competitivo e concentrado.

4.2 Postos de Atendimentos e Regiões

Inicia-se esta análise, pelo número de postos de atendimentos e suas regiões. Este é um item importante, pois reflete onde ambos segmentos estão atuando, e o crescimento apresentado por cada. Através das informações do

Gráfico 4, constata-se que ambos tiveram grande aumento no número de postos totais. Principalmente nos últimos anos, em um momento em que a economia tende a retrair-se, e a realidade atual vivida no país é de corte de gastos e enxugamento do quadro das empresas, percebe-se um movimento inverso nestes setores. Os bancos apresentaram um grande volume de crescimento, principalmente até 2012, quando começaram a manter uma estabilidade no seu número de postos de atendimento. Enquanto as cooperativas de crédito cresceram linearmente no período, num total de crescimento de 103% (verificando o número final de cooperativas em 2016 com relação ao número inicial de cooperativas em 2005) no intervalo analisado, contra 36% do setor bancário no mesmo período. De qualquer forma, salienta-se que o setor bancário já possuía um considerável número de postos, sendo que em algum momento este estará saturado, enquanto o sistema cooperativo possuía uma participação muito menor, tendo um amplo mercado para crescer.

Gráfico 4 - Crescimento do número de postos de atendimento no Brasil – 2005 a 2016



Fonte: Panorama das Cooperativas de Crédito (2016), IFDATA (2016) e Sicredi (2016)

A Tabela 4 refere-se aos postos de atendimento por instituições. Observa-se que as cooperativas figuram na 3^o colocação na classificação das instituições por postos de atendimentos, abaixo apenas do Banco do Brasil e

do Bradesco. Ainda assim, a frente de grandes bancos do cenário nacional e internacional como Itaú, Caixa Econômica Federal, Santander, entre outros. Tal fato reforça a margem de crescimento obtido pelas cooperativas, mostrando-se muito mais presentes que diversas instituições totalmente estabelecidas no mercado. Vale ressaltar ainda, que o grande crescimento do número de postos do Bradesco, deve-se a incorporação do HSBC ocorrida no período.

Pode-se concluir, em relação a este aspecto, que enquanto a economia brasileira passa por uma reestruturação, com encolhimento das estruturas físicas e de pessoal, as cooperativas, entretanto, caminham em sentido contrário, ganhando espaço neste mercado.

Tabela 4 - *Ranking* de postos de atendimento por instituições no Brasil - 2012 a 2016

<i>Ranking</i>	Instituições	2012	2013	2014	2015	2016
1	Banco do Brasil	5362	5450	5524	5.429	5.440
2	Bradesco	4663	4650	4652	4.502	5.309
3	Cooperativas de Crédito	3779	3984	4259	4528	4711
4	Itaú	3856	3904	3868	3.735	3.464
5	Caixa Econômica Federal	2868	3288	3391	3.404	3.412
6	Santander	2588	2658	2639	2.650	2.653
7	HSBC	868	864	853	851	0
8	Banrisul	466	511	528	534	536
9	BNB	193	231	292	303	320
10	Mercantil do Brasil	177	192	189	190	190

Fonte: Panorama das Cooperativas de Crédito (2016), IFDATA (2016) e Sicredi (2016)

O cooperativismo de crédito cresceu muito no decorrer dos últimos anos, conseguindo alcançar todas as regiões do País, conforme a Tabela 5. Ainda que a distribuição concentre-se em grande parte nas regiões Sul e Sudeste do país, o crescimento se manteve em todas regiões, inclusive Norte e Nordeste, que apresentam a menor participação nas regiões. Segundo estes dados, as cooperativas estão presentes em quase 50% dos municípios brasileiros. Conforme a OCB, em mais de 400 desses municípios, as cooperativas são as únicas instituições financeiras destes. Em comparação os bancos, segundo a densidade demográfica da OCB (2016), 35% de suas agências estão concentradas em São Paulo, demonstrando a preferência por regiões mais desenvolvidas e com maior volume de capital.

Tabela 5 - Municípios Atendidos pelas Cooperativas por Região - 2012 a 2016

Região	UF	2012	2013	2014	2015	2016
Centro-Oeste	DF	100%	100%	100%	100%	100%
	MT	63%	75%	76%	77%	78%
	MS	49%	51%	53%	56%	57%
	GO	27%	29%	31%	33%	35%
	Total	42%	47%	49%	50%	52%
Nordeste	BA	17%	18%	20%	22%	22%
	PE	12%	12%	11%	11%	11%
	AL	6%	6%	6%	6%	7%
	CE	7%	7%	7%	7%	7%
	MA	3%	3%	4%	5%	6%
	PB	4%	4%	4%	5%	5%
	RN	3%	3%	3%	3%	3%
	SE	3%	3%	3%	3%	3%
	PI	2%	2%	2%	2%	2%
Total	8%	8%	8%	9%	9%	
Sudeste	ES	88%	88%	88%	90%	91%
	MG	57%	59%	61%	62%	63%
	SP	37%	38%	39%	41%	41%
	RJ	38%	38%	39%	37%	39%
	Total	50%	51%	53%	54%	54%
Norte	RO	73%	75%	79%	90%	94%
	PA	5%	7%	10%	12%	17%
	AC	5%	5%	5%	9%	14%
	TO	10%	10%	10%	11%	11%
	RR	7%	7%	7%	7%	7%
	AM	3%	5%	8%	6%	6%
	AP	6%	6%	6%	6%	6%
Total	14%	15%	17%	19%	22%	
Sul	SC	93%	95%	97%	97%	97%
	RS	87%	89%	91%	92%	92%
	PR	80%	82%	83%	84%	84%
	Total	86%	86%	90%	90%	91%
Total no país		40%	42%	43%	44%	45%

Fonte: Panorama das Cooperativas de Crédito (2016), IFDATA (2016) e Sicredi (2016)

Estes dados mostram, de fato, as principais diferenças entre os segmentos. As cooperativas buscam por atuar em regiões onde há a necessidade de desenvolvimento, a necessidade de crédito, de instituições presentes nos municípios, e instala-se nestes locais necessitados, ao invés de

buscar apenas por regiões com a maior concentração de capitais, empresas e fontes de lucro.

Analisando a quantidade de instituições financeiras autorizadas a funcionar pelo Banco Central do Brasil no Sistema Financeiro Nacional, demonstradas na Tabela 6, observa-se que em ambos segmentos houve uma queda, embora pequena em relação aos bancos. A diminuição no número de cooperativas deve-se ao fato das incorporações acontecidas principalmente no último ano, num processo de consolidação do segmento dos maiores sistemas de crédito. No ano de 2016, por exemplo, 25 cooperativas singulares filiaram-se ao Sicredi, e uma central do Unicred migrou junto a nove cooperativas singulares para o Sicoob.

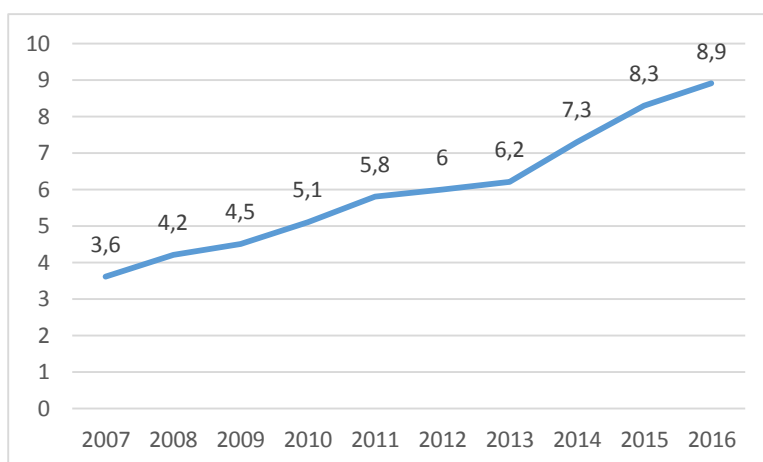
Tabela 6 - Instituições Financeiras Autorizadas no Brasil - 2012 a 2016

Segmento	2012	2013	2014	2015	2016
Banco Múltiplo	138	132	130	132	133
Cooperativas de Crédito	1.269	1.209	1.163	1.113	1.078

Fonte: Panorama das Cooperativas de Crédito (2016), IFDATA (2016) e Sicredi (2016)

Ao analisar o número de cooperados da população brasileira, conforme dados da OCB (2016) apresentados no Gráfico 5, que exhibe o crescimento da população associada, chamada de “população cooperada”, constata-se um crescimento acentuado nos últimos anos. No ano de 2007 havia apenas 3,6 milhões de pessoas associadas, passando para 6 milhões em 2012, e para 8,9 milhões em 2016. Nos últimos 3 anos, obteve-se um crescimento próximo a 10% ao ano, evidenciando que a população tem aderido aos ideais cooperativistas, optando por instituições que apresentem um novo modelo de crescimento econômico e sustentável.

Gráfico 5 - População cooperada em milhões no Brasil - 2007 a 2016



Fonte: OCB, 2016

Em todos os dados analisados até o momento, as cooperativas apresentam um significativo crescimento e representatividade no mercado financeiro no decorrer dos anos, ganhando espaço em cada aspecto.

4.3 Principais Indicadores do Mercado Financeiro

Serão analisados nesta seção, os principais indicadores do Sistema Financeiro Nacional, como o total de ativos, depósitos (que englobam tanto depósitos a prazo como depósitos a vista), o volume de operações de crédito liberado aos seus correntistas e o patrimônio líquido dos segmentos e instituições. O modelo utilizado nesta análise, remete-se primeiramente a comparação dos dados dos segmentos de cooperativas de crédito e do setor bancário. Após é elencado um *ranking* das maiores instituições de ambos segmentos, por cada critério em análise. Desta forma, pode-se perceber tanto a participação geral de um ou outro segmento, como a posição de suas instituições no sistema financeiro.

Inicia-se esta análise, com os dados do patrimônio líquido das instituições, que é formado pelo grupo de contas que registra o valor contábil das instituições, e representa a riqueza destas. Conforme a Tabela 7, nota-se que o crescimento se mostrou crescente, nos dois ramos, ao longo do período

analisado. Enquanto as cooperativas obtiveram um aumento próximo a 20 bilhões de reais, os bancos, por sua vez, obtiveram uma elevação de 148 bilhões de reais. Embora o acréscimo nominal das instituições bancárias seja muito superior em relação ao avanço das cooperativas, superando em mais de 6 vezes, ao se observar a participação do segmento cooperativo no total, verifica-se a elevação que este teve, de quase 2% no período.

Tabela 7 - Patrimônio Líquido das Instituições em bilhões de reais e participação das cooperativas no Brasil – 2011 a 2016

	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Cooperativas	15,9	19,3	22,8	27,4	32	36,7
Bancos	371	439	433	459	481	519
Participação das Cooperativas	4,11%	4,21%	5,00%	5,63%	6,24%	6,60%

Fonte: Panorama das Cooperativas de Crédito (2016), IFDATA (2016) e Sicredi (2016)

Em comparação as maiores instituições, conforme se observa pela Tabela 8, as cooperativas estão em 5º lugar em volume de patrimônio líquido, superando até mesmo a Caixa Econômica Federal. Em 2009, segundo dados do Banco Central do Brasil, citado por Meinen (2012), as Cooperativas estavam atrás do Banco Safra, na qual hoje já apresenta 27 bilhões de reais a mais que o mesmo, evidenciando o crescimento deste segmento.

Tabela 8 - *Ranking* de Instituições por Patrimônio Líquido - 2016

<i>RANKING</i>	INSTITUIÇÃO FINANCEIRA	PATRIMONIO LIQUIDO
1	ITAU	129 bilhões
2	BRADESCO	101 bilhões
3	BANCO DO BRASIL	77 bilhões
4	SANTANDER	60 bilhões
5	COOPERATIVAS DE CRÉDITO	36 bilhões
6	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	27 bilhões
7	SAFRA	9 bilhões
8	VOTORANTIM	8 bilhões
9	CITIBANK	8 bilhões
10	BANRISUL	6 bilhões

Fonte: Panorama das Cooperativas de Crédito (2016), IFDATA (2016) e Sicredi (2016)

O próximo indicador analisado, refere-se ao valor de ativos das instituições. Os ativos expressam os valores, bens, direitos, créditos e afins, que as instituições possuem, o que forma seu patrimônio.

De acordo com a Tabela 9, constata-se aumento significativo nos dois ramos abordados. As cooperativas obtiveram um crescimento de mais de 135 bilhões de reais, o que representou um aumento de quase 150% em apenas 5 anos. Já o setor bancário apresentou uma elevação de mais de 2 trilhões de reais no mesmo período. Ao comparar os valores de cada segmento, em um primeiro momento, parece claro que os bancos vêm aumentando sua concentração ao passar dos anos, devido ao seu crescimento ter sido sempre superior ao das cooperativas, e em valores expressivamente altos. Entretanto, ao analisar a participação das cooperativas no valor total de ativos dos dois segmentos, nota-se que foi crescente, e a curtos passos vêm ganhando espaço neste total.

Tabela 9 - Valor de ativos em reais dos segmentos e participação das cooperativas no Brasil – 2011 a 2016

	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Cooperativas	86,3 bilhões	103,5 bilhões	124,3 bilhões	150,9 bilhões	182,5 bilhões	221,8 bilhões
Bancos	4,274 trilhões	4,981 trilhões	5,456 trilhões	6,199 trilhões	6,863 trilhões	6,935 trilhões
Participação das Cooperativas	1,98%	2,04%	2,23%	2,38%	2,59%	3,10%

Fonte: Panorama das Cooperativas de Crédito (2016), IFDATA (2016) e Sicredi (2016)

Em comparação a outras instituições, conforme a Tabela 10, as cooperativas de crédito, quando somadas em conjunto, já estão em 6º lugar em volume de ativos, superando grandes bancos como o Banco Safra e Votorantim. Entretanto, é interessante ressaltar, a grande concentração que há neste segmento e a disparidade entre as instituições. Percebe-se abaixo da quarta colocação, que os valores de ativos não se remetem nem a metade das quatro primeiras de forma individual.

Tabela 10 - *Ranking* de Instituições por Total de Ativos no Brasil - 2016

RANKING	INSTITUIÇÃO FINANCEIRA	ATIVOS
1	BANCO DO BRASIL	1.339 trilhão
2	ITAU	1.331 trilhão
3	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	1.256 trilhão
4	BRADESCO	1.081 trilhão
5	SANTANDER	705 bilhões
6	COOPERATIVAS DE CRÉDITO	221 bilhões
7	SAFRA	148 bilhões
8	VOTORANTIM	103 bilhões
9	CITIBANK	72 bilhões
10	BANRISUL	68 bilhões

Fonte: Panorama das Cooperativas de Crédito (2016), IFDATA (2016) e Sicredi (2016)

O próximo item analisado, passa a ser o volume de depósitos captados pelas instituições. Este indicador, é extremamente importante, pois os recursos para as instituições poderem fomentar o crédito e os financiamentos, é totalmente atrelado a este saldo. A Tabela 11 demonstra novamente um crescimento excepcionalmente alto no volume dos bancos, assim como nos indicadores passados, e uma elevação embora significativa, ainda menor das

cooperativas em relação ao volume do “concorrente”. As cooperativas obtiveram a elevação de seus estoques em quase 65 bilhões de reais, o que representa quase 170% de crescimento. Enquanto os bancos alcançaram um incremento de 362 bilhões de reais, equivalente a uma elevação de 22%. Observa-se no decorrer deste período, o ganho de participação no volume total das cooperativas, assim como nos demais indicadores avaliados.

Tabela 11 - Valor de depósitos em reais dos segmentos e participação das cooperativas no Brasil – 2011 a 2016

	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Cooperativas	38,1 bilhões	46,9 bilhões	56,3 bilhões	68,5 bilhões	83,0 bilhões	103,5 bilhões
Bancos	1,595 trilhão	1,647 trilhão	1,751 trilhão	1,830 trilhão	1,928 trilhão	1,957 trilhão
Participação das Cooperativas	2,33%	2,77%	3,12%	3,61%	4,13%	5,02%

Fonte: Panorama das Cooperativas de Crédito (2016), IFDATA (2016) e Sicredi (2016)

Ao analisar o *ranking* de instituições por captação de depósitos, descritos na Tabela 12, as cooperativas figuram novamente na 6º colocação. Ainda que as cooperativas ao decorrer dos anos venham crescendo, este índice remete o quanto o setor continua concentrado em poucas empresas.

Tabela 12 - *Ranking* de Captação de Depósitos por Instituição no Brasil - 2016

RANKING	INSTITUIÇÃO FINANCEIRA	DEPÓSITOS
1º	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	513 bilhões
2º	BANCO DO BRASIL	447 bilhões
3º	ITAU	369 bilhões
4º	BRADESCO	235 bilhões
5º	SANTANDER	146 bilhões
6º	COOPERATIVAS DE CRÉDITO	103 bilhões
7º	BANRISUL	42 bilhões
8º	CITIBANK	19 bilhões
9º	PAN	14 bilhões
10º	SAFRA	12 bilhões

Fonte: Panorama das Cooperativas de Crédito (2016), IFDATA (2016) e Sicredi (2016)

Por fim, cabe analisar o volume de crédito liberado pelas instituições ao seus correntistas. Visto que o maior agregador de renda das instituições são os recursos provenientes do crédito, pode-se intuir que quanto maior o volume liberado (Tabela 13), maior será o faturamento das instituições.

Tabela 13 - Valor de créditos liberados em trilhões de reais dos segmentos e participação das cooperativas no Brasil – 2011 a 2016

	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Cooperativas	36,2 bilhões	45,5 bilhões	57,8 bilhões	68,0 bilhões	76,3 bilhões	83,7 bilhões
Bancos	1,667 trilhão	1,947 trilhão	2,273 trilhão	2,538 trilhão	2,990 trilhão	2,633 trilhão
Participação das Cooperativas	2,13%	2,28%	2,48%	2,61%	2,49%	3,08%

Fonte: Panorama das Cooperativas de Crédito (2016), IFDATA (2016) e Sicredi (2016)

O volume de crédito liberado anualmente pelas cooperativas, de acordo com a Tabela 13, elevou-se em torno de 47 bilhões de reais dentre o período, chegando a um crescimento superior a 100% no ano de 2016 em relação a 2011.

Os bancos obtiveram a elevação de seu volume de crédito próximo a marca de 1 trilhão de reais acima do obtido no primeiro ano citado. Ainda assim, frente a todo este aumento dos bancos, as cooperativas têm um pequeno ganho na participação sobre o valor total.

A Tabela 14 apresenta o *ranking* das instituições por operações de crédito, no qual as cooperativas estão localizadas na sexta posição. Esta tabela também reflete a desproporcionalidade e a diferença gritante entre cada instituição. O sistema apresenta uma concentração de 87% de todo crédito liberado por todas instituições financeiras, em suas 5 maiores, conforme dados do DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (2016).

Tabela 14 - *Ranking* de Instituições por Operações de Crédito no Brasil - 2016

<i>RANKING</i>	INSTITUIÇÃO FINANCEIRA	CRÉDITO
1	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	709 bilhões
2	BANCO DO BRASIL	654 bilhões
3	ITAU	498 bilhões
4	BRABESCO	392 bilhões
5	SANTANDER	256 bilhões
6	COOPERATIVAS DE CRÉDITO	83 bilhões
7	SAFRA	52 bilhões
8	VOTORANTIM	47 bilhões
9	BANRISUL	30 bilhões
10	CITIBANK	19 bilhões

Fonte: Panorama das Cooperativas de Crédito (2016), IFDATA (2016) e Sicredi (2016)

Com os dados considerados neste trabalho, ficam nítidos dois pontos a respeito do mercado financeiro e das cooperativas de crédito. Primeiramente, o sistema é altamente concentrado em suas principais instituições, em proporções muito distintas das demais concorrentes. Entretanto, embora tamanha concentração, as cooperativas vêm ganhando espaço neste sistema.

O estudo realizado pelo DIEESE (2017, p. 16), a respeito do mercado financeiro, e da concentração dos principais bancos, cita:

Permanece a necessidade de se ampliar e se aprofundar o debate sobre o papel desempenhado pelo Sistema Financeiro Nacional, especialmente no que se refere aos três maiores bancos privados, tendo em vista que, mesmo diante do quadro fortemente recessivo que atinge o Brasil, esses bancos apresentaram resultados que podem ser considerados invejáveis por empresas de diversos portes e setores. Por outro lado, e justamente por conta desse desempenho excepcional diante da atual conjuntura, que é preciso cobrar contrapartidas não apenas para os trabalhadores, mas para o conjunto da sociedade brasileira.

O desempenho dos principais bancos, atuantes no sistema brasileiro, foi significativo, tendo em vista o momento econômico de tanta conturbação sofrida pelo país. Entretanto, surge como alternativa a este ramo, a opção pelas cooperativas, que ao decorrer dos anos vêm ganhando mercado, de forma

lenta, porém consistente, conforme ressalta Meinen (2012), ao propor que o crescimento pode ser interpretado como lento, embora seja ao mesmo tempo sólido e constante.

A Tabela 15 traz um breve resumo sobre os principais indicadores já analisados sobre o sistema financeiro. Como visto anteriormente, em todos aspectos as cooperativas apresentaram crescimento. Contudo, é válido a verificação destes dados em comparação aos índices de países considerados referências quanto a questão de cooperativas de crédito bem estabelecidas.

Tabela 15 - Evolução das Cooperativas de Crédito no Sistema Financeiro no Brasil em percentuais – 2011 a 2016

Agregados patrimoniais	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Patrimônio Líquido	4,1%	4,2%	5,0%	5,6%	6,2%	6,6%
Ativos	2,0%	2,0%	2,2%	2,4%	2,6%	3,1%
Depósitos	2,3%	2,8%	3,1%	3,6%	4,1%	5,0%
Operações de Crédito	2,1%	2,3%	2,5%	2,6%	2,5%	3,1%

Fonte: Panorama das Cooperativas de Crédito (2016), IFDATA (2016) e Sicredi (2016)

Apesar do crescimento apresentado nos últimos anos, conforme o Panorama do Sistema Nacional de Crédito Cooperativo (2016, p.16) “Na França e na Alemanha, por exemplo, as Cooperativas de crédito participam com 60% e 20%, respectivamente, dos depósitos totais do sistema financeiro”. Segundo o Portal do Cooperativismo Financeiro (2017), a França é o país do mundo em que as instituições financeiras cooperativas têm a maior representação no mercado financeiro, atingindo 60%, e 73% das agências bancárias pertencem a grupos cooperativos. No Canadá, a cada três habitantes, um é associado a Cooperativas de Crédito. O Portal do Cooperativismo Financeiro (2017) ainda cita que as economias mais maduras utilizam a muito tempo o cooperativismo como instrumento impulsionador dos setores econômicos estratégicos.

Portanto, pode se ver um longo caminho de desenvolvimento até os patamares estabelecidos nos países de primeiro mundo. Caminho que já está em curso, e que de forma gradual, caso o crescimento atual das cooperativas

se mantenha, será alcançado. Tendo-o como um modelo de crescimento alternativo e sustentável, gerador de desenvolvimento local, a evolução das cooperativas representa um alento ao atual momento que se vivencia e um horizonte ao combate as grandes concentrações.

5. CONCLUSÃO

O cooperativismo, através das cooperativas, mostra-se como uma alternativa fortemente baseada em valores e princípios que visam ao crescimento social e econômico de seus associados, gerando uma maior qualidade de vida. Busca-se desta forma, o desenvolvimento regional, com a alocação dos recursos nas localidades por onde atua. Devido ao interesse pela comunidade, age-se também com a disseminação do conhecimento, através de programas de integração social, que ampliam a educação e integração dos cooperados.

Surgindo em meio as necessidades de vários trabalhadores, dos mais variados ramos, desde sua criação, percebe-se que as cooperativas fortalecem-se cada vez mais. Aliam-se a diversos princípios que as diferem de todas as demais instituições, com interesse pela comunidade, atuando não somente em grandes centros. Sem discriminação entre aqueles que mais possuem recursos ou os mais necessitados. A constatação disso pode ser demonstrada pelo fato de que as cooperativas estão inseridas em diversas cidades como únicas instituições financeiras, pois buscam o desenvolvimento e não o lucro. As cooperativas de crédito, especificamente, espalhadas pelas diversas regiões do Brasil, atuam de forma localizada em cada região, aplicando os recursos obtidos dentro da mesma localidade, distribuindo os resultados entre seus correntistas, com maior participação dos usuários, maior grau de relacionamento e um interesse pela comunidade.

Além das características apresentadas, soma-se que as taxas cobradas pelas cooperativas normalmente são menores que dos demais bancos, visto que não possuem fins lucrativos, e os resultados obtidos, retornam para os associados proporcionalmente a sua participação. Os principais dados analisados neste trabalho, evidenciam a necessidade desta alternativa como instituição financeira, visto que a concentração do Sistema Financeiro Nacional está acima de 85% no Conglomerado Bancário I, conforme demonstrado ao longo do estudo.

As cooperativas apresentaram crescimento nos mais variados aspectos, partindo do número de unidades de atendimento que dobraram ao decorrer dos últimos onze anos, chegando a 4.711 postos, passando a enquadrar-se entre as três maiores instituições por número de postos. Constata-se que este crescimento ocorreu nas mais diversas localidades, alcançando todas regiões do país. Além disso, o crescimento apresentado mostra-se de forma diversificada, espalhando-se por municípios com necessidade de novas instituições e sem muita concentração de capital. Partindo desta premissa, explica-se o aumento acentuado da população cooperada no período, que era de apenas 3,6 milhões de pessoas em 2007, atingindo a marca de 8,9 milhões de pessoas em 2016. Muitas destas, por entenderem os benefícios de aliarem-se a uma instituição cooperativa, e outras por ser a instituição que se apresentou presente para saciar as necessidades de serviços bancários.

No que se refere aos principais agregados das instituições, evidencia-se a evolução do cooperativismo de crédito. Atualmente, as cooperativas representam 6,60% do total de patrimônio líquido de todas instituições financeiras, apresentando um crescimento de 2% nos últimos 5 anos. Enquanto no total dos ativos, apresenta um percentual de 3,10%, representando um crescimento de 1% respectivamente. Tratando-se da quantia de depósitos captados pelas instituições, atingiu-se um crescimento que dobrou a participação de 2011, alcançando 5,02% em 2016. Seguindo esta análise, nota-se também o crescimento da participação das cooperativas quanto ao valor de crédito liberado, atingindo a marca de 3,08% em contraponto aos 2,13% iniciais.

O propósito deste trabalho foi verificar se as cooperativas de crédito, que atuam num segmento extremamente concentrado e com instituições bem estabelecidas, apresentaram evolução e ganho de participação de mercado. Visto a necessidade de novas formas de crescimento e um modelo mais agregador da sociedade, chega-se a um resultado positivo. Entre os diversos dados apresentados neste trabalho, embora ressalta-se que principais bancos ainda possuam a maior concentração do sistema, as cooperativas vêm a pequenos passos mostrando-se como alternativa em meio a estes.

Conclui-se que as cooperativas apresentaram um ganho de mercado no decorrer dos últimos anos, ampliando sua participação no sistema financeiro, de forma que pode ser compreendida como lenta, entretanto representativa. Cabe agora aguardar que esta evolução do cooperativismo de crédito se mantenha nos próximos anos, combatendo a grande concentração que há no setor, e que gere junto a este crescimento, uma elevação na qualidade de vida e gere desenvolvimento por onde atuam.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aguiar Cristina e Reis Carlos. **As Origens do Cooperativismo e o Contraponto aos Males das Metamorfoses do Mundo do Trabalho.** Sociedade em Debate, Pelotas, 8(3)149-150 185, Dezembro/2002 Disponível em < <http://www.rsd.ucpel.tche.br/index.php/rsd/article/viewFile/555/495> >

Banco Central do Brasil. **O que é Cooperativismo de Crédito?** Disponível em < <http://www.bcb.gov.br/pre/composicao/coopcred.asp>> Acesso em 02 de Outubro de 2017

BRASIL. Lei nº 5.764, de 16 de Dezembro de 1971. Dispões sobre as Sociedades Cooperativas. Disponível em: < <http://www.planalto.gov.br/> > Acesso 02 de Novembro de 2017.

CENZI, N. **Cooperativismo Desde as Origens ao Projeto de Lei de Reforma Do Sistema Cooperativo Brasileiro**
Curitiba, Juruá Editora, 2009

DIEESE, Desempenho dos Bancos 2016. Disponível em < <https://www.dieese.org.br/desempenhodosbancos/2016/desempenhoDosBancos2016.html> > Acesso em 02 de Novembro de 2017.

FRANKE, W. **Direito das sociedades cooperativas: direito cooperativo.**
São Paulo, Saraiva, 1973.

FRANTZ, W. **Associativismo, Cooperativismo e Economia Solidária**
Ijuí, Rio Grande do Sul, 2012

GIDE, C. **Cooperativismo**
Brasília, Confebras, 2008

IFData - Dados Seleccionados de Entidades Seleccionadas. Banco Central do Brasil. Disponível em < <https://www3.bcb.gov.br/informes/relatorios> > Acesso em 02 de Outubro de 2017.

LEITE, G. e L., Ivan. **O Cooperativismo como Instrumento Constitucional na Busca do Desenvolvimento Nacional.**
Campo Grande, UFMS, 2015

MAYRINK, S. **Cooperativismo: uma Revolução Pacífica Em Ação.**
Rio de Janeiro, DP A, 2001

MEINEN, E. e PORT, M. **O Cooperativismo de crédito Ontem, Hoje e Amanhã.**

Brasília, Confabras, 2012.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. Manual de Cooperativas
Brasília, Secretaria de Inspeção do Trabalho – SIT, 2000

NETO, S. **Aspectos Econômicos das Cooperativas.**

Belo Horizonte, Mandamentos, 2006

OLIVEIRA, N. **O Cooperativismo.**

Porto Alegre, OCERGS 1984

Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB). **O que é Cooperativismo?**
Disponível em < <http://www.ocb.org.br/o-que-e-cooperativismo> > Acesso em 01 de Outubro de 2017

Panorama do Sistema Nacional de Crédito Cooperativo 2016. Disponível em < https://www.bcb.gov.br/pre/microFinancas/coopcar/pdf/panorama_de_cooperativas.pdf > Acesso em 09 de Outubro de 2017

PÍNHEIRO, M. **Cooperativas de Crédito História da evolução normativa no Brasil.**

Brasília, Banco Central do Brasil, 2008

PINHO, D. **A doutrina cooperativa nos regimes capitalista e socialista.**

São Paulo: Pioneira, 1966.

Portal do Cooperativismo Financeiro. **O que é uma cooperativa de crédito?**

Disponível em: < <http://cooperativismodecredito.coop.br/cooperativismo/o-que-e-uma-cooperativa-de-credito-2/> > Acesso em 10 de Outubro de 2017

QUEIROZ, F. **Gestão de Processos de Cooperativismo: uma análise dos cooperados agrícolas paranaenses**

Belém, 2008

SESCOOP. **Conceitos e Princípios do Cooperativismo.** Disponível em: < <http://www.sescooprs.coop.br/cooperativismo/conceitos-principios> > Acesso em 10 de Outubro de 2017.

SICREDI. **Quem Somos?** Disponível em <
<https://www.sicredi.com.br/html/conheca-o-sicredi/quem-somos/> > Acesso em:
12 de Outubro de 2017

REISDORFER, V. Introdução ao Cooperativismo

Santa Maria, Rede e-Tec Brasil, 2014

Relatório de Sustentabilidade do Sicredi 2016. Disponível em: <
https://www.sicredi.com.br/html/conheca-o-sicredi/sustentabilidade/arquivo/relatorio_de_sustentabilidade_2016.pdf >
Acesso em 09 de Outubro de 2017.

Sales, João Eder. **Cooperativismo: Origens e Evolução.** Revista Brasileira de Gestão e Engenharia – ISSN 2237-1664. Centro de Ensino Superior de São Gotardo. Número I – 2010